

Polêmicas, escândalos e crimes o lugar da comoção na imprensa impressa periódica

SIMPÓSIO INTERNACIONAL



Lorem Ipsum

26 a 28 NOV 2024
BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

Caderno de Resumos

Simpósio Internacional *Polémicas, escândalos e crimes: o lugar da comoção na imprensa impressa periódica. Caderno de resumos.*

Coordenação

Isabel Lustosa
Adelaide Vieira Machado
Diego Galeano
Luís Crespo de Andrade
Tania de Luca
Valéria dos Santos Guimarães

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa
Av. de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa | Portugal
E-mail: cham@fcsh.unl.pt
Website: www.cham.fcsh.unl.pt

ISBN (electrónico)

978-989-9250-00-0

Local e data de publicação

Lisboa, Novembro de 2024

Financiamento

Esta publicação teve o apoio do CHAM (NOVA FCSH—UAc) através do projecto estratégico financiado pela FCT (UIDB/04666/2020 — <https://doi.org/10.54499/UIDB/04666/2020>; UIDP/04666/2020 — <https://doi.org/10.54499/UIDP/04666/2020>).

© Autores



Esta é uma publicação em acesso aberto, distribuída sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

Conferência

Jean-Yves Mollier (University of Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, França)

Retour sur le scandale de Panama et la naissance de l'Etat du même nom

En 1892, la presse française déclenche un des plus gros scandales politico-financiers de son histoire. Il s'agit de dénoncer à l'opinion les profits accumulés par tous ceux qui ont profité des largesses de la *Compagnie universelle du canal interocéanique de Panama*, une entreprise créée en 1880 pour creuser un canal reliant l'Océan atlantique à l'Océan pacifique et tombée en faillite en 1889. À en croire les justiciers de *La Libre Parole*, un quotidien antisémite, et la presse nationaliste, les banques, les journaux, les entreprises du bâtiment et les parlementaires ont touché de grosses sommes pour permettre à cette société de lever 1, 5 milliard de francs (7 à 8 milliards d'euros d'aujourd'hui). Après une série de procès qui mettent en cause 100 à 150 députés, sénateurs ou ministres, une *Nouvelle Compagnie du canal interocéanique de Panama* voit le jour en 1894 mais, en 1904, elle vend ses actifs au gouvernement des États-Unis d'Amérique après qu'un coup d'État organisé par un Français, Philippe Bunau-Varilla, a fait naître la République de Panama, détachée de celle de Colombie. Cette fois, c'est la presse nord-américaine qui crie au scandale en titrant : « Coup d'État ou coup de bourse ? », vite relayée par les journaux de Bogota qui s'indignent des méthodes mises en œuvre par Théodore Roosevelt, le père de la théorie du « Big Stick » et de la « Dollar Diplomacy ». Dans cette communication, on analysera les procédés journalistiques des journaux française, colombiens et nord-américains pour présenter ces scandales à leurs lecteurs et déclencher des mouvements d'humeur susceptibles de troubler l'ordre public.

Jean-Yves Mollier Professeur émérite d'histoire contemporaine à l'université Paris Saclay-Versailles Saint-Quentin. Auteur de nombreux livres portant sur l'histoire de l'édition, du livre et de la lecture, il s'est également intéressés aux grandes affaires journalistiques qui mêlent politique et finances, et a publié une étude qui fait référence, *Le Scandale de Panama* (Paris, Fayard, 1991). Il prépare un livre sur le canal de Panama et les mémoires française, colombienne, nord-américaine et panaméenne de cet exploit industriel.

Mesa 1 - Escândalos fundadores – início do XIX

João Pedro Rosa Ferreira (CHAM, NOVA FCSH/UAc, Portugal)

José Agostinho de Macedo: o trono, o altar e os escândalos

Controverso é pouco. Escandaloso é adjectivo mais consentâneo com a vida e o legado deste prolífico autor, pensador e político que deixou uma marca muito pessoal no periodismo – e também na poesia, no pensamento e na acção política, na parenética, na filosofia... - do início do século XIX em Portugal. Não chegou a ser, como terá desejado, o ideólogo oficial da contra-revolução miguelista, mas foi certamente um dos seus arautos mais sonoros e agressivos. Polémico até no nome, foi inimigo jurado de periodistas e de periódicos, que usou generosamente para denegrir inimigos, adversários e ex-amigos, sem nunca se esquecer de acautelar o interesse próprio. Acusado de crimes de gravidade relativa e de uma vida pessoal no limiar da libertinagem, o padre que mereceu obras completas a Pato Moniz e o *petit nom* de “Energúmeno” a Hipólito da Costa respondeu taco a taco, arrastando os detratores pela lama fescenina que era o seu ecossistema preferido.

João Pedro Rosa Ferreira Investigador integrado doutorado do CHAM (NOVA FCSH/UAc), no grupo de investigação Informação, Leitura e Formas de Escrita. É doutorado em História e Teoria das Ideias, mestre em História Cultural e Política e licenciado em História. Autor de livros, capítulos de livros, artigos publicados em revistas académicas indexadas e de comunicações apresentadas em conferências científicas em Portugal, EUA, Reino Unido, França, Polónia, Brasil, México e Argentina. É vice-presidente da Sociedade Internacional para o Estudo do Humor Luso-Hispânico (ISLHHS). Jornalista, foi director e editor de jornais diários e semanários e de revistas portuguesas. É colaborador da revista Domingo Correio da Manhã. Interessa-se sobretudo por história cultural, história política, história da imprensa, história do livro e estudos do humor do século XIX. **ORCID iD:** <https://orcid.org/0000-0003-0860-2471>.

Isabel Lustosa (CHAM, NOVA FCSH/UAc; IHGB – IESP/UERJ, Portugal)

O debate sobre o estupro de Mlle Bruni pelo Comendador Sodré nas Cortes de Lisboa

Em nota datada de 21 de abril de 1821, o *Diário das Cortes* resume o caso como uma raridade judiciária: “Um português acusado por um espanhol por uma ofensa feita a um francês”. Antes de chegar às cortes de Lisboa, o caso do suposto estupro de mlle Bruni movimentou a imprensa e o judiciário francês, envolvendo personalidades tão célebres quando Wellington e o Marques de Marialva. Em 1815, Francisco Sodré, militar que fora ajudante de ordens do primeiro e frequentara a casa do segundo, fugiu para a Espanha com Mlle Bruni, cujo pai, um general francês, conseguiu uma ordem de prisão contra o sedutor. Preso em Madrid, ele foi acusado pelo governo espanhol de estupro e teve seus rendimentos e bens confiscados pelo governo português. Em Paris, Sodré processou a todos sendo absolvido da acusação de estupro. A partir de 1817, atuou na imprensa europeia como redator de panfletos em defesa do governo do Rio de Janeiro. Suas boas conexões com os liberais garantiram-lhe a reabilitação em 1821 e até um manto da ordem de Cristo. **ORCID iD:** <https://orcid.org/0000-0003-2456-6925>.

Monica Lupetti & Marco Enrico Guidi (Universidade de Pisa, Itália)

“Une affaire très-piquante”. O escândalo do Marquês de Marialva e de Mme de Lasagne na imprensa parisiense da Restauração

Uma notícia publicada no jornal *Le Constitutionnel*, em 6 de agosto de 1823, fala do “affaire très-piquante” que opôs no tribunal Claudine-Pauline Reybier de Lasagne, viúva Prost, D. Pedro José Joaquim Vito de Meneses Coutinho, sexto marquês de Marialva e oitavo conde de Cantanhede (c. 1775 - Paris, 22 de novembro de 1823), ex-embaixador do rei de Portugal na Corte da França, a Étienne-Denis barão Pasquier, ex-prefeito de polícia sob Bonaparte, e ao advogado Grandjean. Durante o período napoleônico, Mme de Lasagne teve um relacionamento com o Marquês de Marialva, que mais tarde recorreu aos serviços do Préfet de police Pasquier para se livrar dela. Ele mandou prendê-la e colocá-la em prisão domiciliar em Lyon, depois de apreender todos os documentos e correspondências que pudessem comprometer o diplomata português. Grandjean, o advogado instruído pela reclamante para recuperar os documentos apreendidos, segundo ela, só serviu aos interesses do Sr. de Marialva e nunca lhe devolveu nada. Seguiu-se uma série de causas que encontraram eco na imprensa parisiense da época. Nossa comunicação tem como objetivo investigar os reflexos desse escândalo nos periódicos em língua portuguesa publicados por exilados portugueses em Paris durante os anos da Restauração.

Monica Lupetti é professora associada de Língua e Tradução Portuguesa e Brasileira no Departamento de Filologia, Literatura e Linguística da Universidade de Pisa. É autora de

numerosos estudos diacrónicos sobre gramática e lexicologia portuguesas (com particular atenção às ferramentas bilingues luso-italianas), sobre traduções portuguesas de textos literários e económicos, sobre léxico económico, bem como estudos sincrónicos sobre transferência linguística. Atualmente é responsável pelo corpus português no projeto PRIN 2020 “LexEcon - A transnational and diachronic study of treatises and textbooks of economics (18th to 20th century). Intra- and interlingual corpus-driven and corpus-based analysis with a focus on lexicon and argumentation”. **ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1933-0512>**.

Marco E.L. Guidi PhD, é professor titular de História do Pensamento Económico na Universidade de Pisa, Departamento de Economia e Gestão. De 2012 a 2016, foi vice-reitor de Comunicação. Lecciona no doutoramento em Economia na Universidade de Siena e tem sido professor visitante em várias universidades europeias e internacionais. Os seus interesses de investigação incluem a economia clássica, o utilitarismo clássico, a evolução do pensamento económico italiano e europeu tanto do ponto de vista teórico como nos seus aspectos institucionais, as traduções económicas e a circulação transnacional de ideias económicas, o léxico económico, a história da metodologia económica. **ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6214-3723>**.

Dia 26 Novembro – Tarde

Mesa 2 – Naturalismo, folhetins e crimes

Leonardo Mendes (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/FAPERJ/CNPq, Brasil)

O escândalo do naturalismo na imprensa periódica do final do século XIX

Esta comunicação pretende mostrar como o advento da ficção naturalista no Brasil a partir de 1880 escandalizou a imprensa periódica. No plano das ideias, o naturalismo era associado ao ateísmo, ao republicanismo e às revoluções que degolavam reis e bispos. No plano dos costumes, era sócio da imoralidade, de comportamentos desviantes e dissidências sexuais. Veremos como a imprensa católica e conservadora combateu livros e autores naturalistas e como eram noticiados os escândalos causados pelo aparecimento dos romances e suas transposições para os palcos. Para ilustrar com a trajetória de um escritor, veremos o caso de Figueiredo Pimentel (1869-1914) e o barulho causado por seus romances naturalistas – *O aborto* (1893), *Um canalha* (1894), *Suicida!* (1895) e *O terror dos maridos* (1897) –, quatro “sucessos de escândalo” que abordavam temas polêmicos e testavam os limites entre o lícito e o ilícito na imprensa, na literatura e na sociedade.

Leonardo Mendes Doutor em Letras pela Universidade do Texas em Austin (EUA) e Professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil. Membro dos grupos de pesquisa ARS (Arte, Realidade, Sociedade), FBN/CNPq, e LABELLE (Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da Belle Époque, UERJ/FAPERJ). **ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8318-3759>**.

Cecília Vaz (Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, CIES, Portugal)

Crime e sensacionalismo no rés-do-chão: os folhetins literários dos diários lisboetas (1875-1910)

O folhetim afirmou-se progressivamente a partir de 1840 como uma secção regular da imprensa periódica lisboeta, assumindo várias tipologias e abrangendo diversas temáticas. Esta

comunicação foca-se especificamente no folhetim literário de forma a explorar oposições e confluências resultantes da presença da ficção novelesca em publicações de carácter informativo e noticioso. Estes romances, originais ou traduzidos, eram propositadamente concebidos para serem publicados em série e maioritariamente considerados como produto de uma “literatura industrial” versando temas “ao gosto popular”. A sua abordagem permite uma análise de outras perspetivas da representação do crime e de recurso ao sensacionalismo que podem ser encontradas nas páginas dos jornais lisboetas de grande circulação entre o último quartel de Oitocentos e a primeira década de Novecentos.

Cecília Vaz Professora Auxiliar Convidada no Iscte-IUL e investigadora associada do CIES-Iscte. Doutorou-se em História Moderna e Contemporânea pelo Iscte-IUL, onde concluiu igualmente o mestrado. A sua formação inicial em Estudos Portugueses (FCSH-UNL), a que se seguiu uma pós-graduação em Gestão Cultural nas Cidades (Indeg-Iscte), determinou a abordagem interdisciplinar que tem privilegiado na investigação desenvolvida nas áreas da História Urbana e História Cultural. O seu trabalho tem abordado o papel da circulação de ideias na difusão de representações de novos modelos identitários e de formas, práticas e espaços de sociabilidade mundana. É autora, entre outras publicações, de *Os Loucos Anos 1920 em Lisboa: clubes noturnos, boémia e transgressão* (Lua Eléctrica, 2021). **ORCID iD:** <https://orcid.org/0000-0003-1579-3579>.

Ana Gomes Porto (Universidade Federal do Pará, Brasil)

O Processo Maués e a investigação criminal na imprensa cotidiana de Belém do Pará

Esta comunicação tem como cerne analisar um conjunto de artigos publicados na imprensa de Belém (*Folha do Norte*) com o título de “Processo Maués” e assinados por Tito Franco, importante advogado e, também, político na época do Império brasileiro. Os artigos se concentram na defesa da inocência do comerciante João Maués Filho, acusado de assassinar sua esposa com mais de 18 facadas em julho de 1895. O caso teve repercussão na imprensa local e gerou inúmeras notícias, muitas delas ressaltando o carácter “bárbaro” do assassinato. Ao mesmo tempo, causou uma forte impressão no público. O crime ocorreu às margens do rio (furo) Maúba, divisa dos distritos de Abaeté e Igarapé-miri, locais próximos à cidade de Belém. Pretende-se se concentrar nos artigos de Tito Franco, os quais possuem características que se aproximam das narrativas ficcionais do rodapé dos jornais sob a forma de folhetim. Assim, é digno de nota que os artigos apresentavam, a cada dia que eram publicados, o termo “continuarei” no final da narrativa. Pretende-se analisar, portanto, se é possível entender as publicações de Tito Franco como uma forma textual híbrida que mescla o romance policial com a narrativa da defesa de um réu considerado culpado pela opinião pública.

Ana Gomes Porto Professora da *Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará* (Brasil). Estudiosa da literatura de crime no Brasil nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX, com ênfase nas relações entre literatura e imprensa. Realizou doutorado em História na *Unicamp* (Campinas-S.P.) e pós-doutorado em Letras na mesma universidade entre 2013 e 2017, período em que atuou, também, na *Université Paris 1-Pantheón Sorbonne*. Realizou, ainda, um pós-doutorado na *Faculdade de Educação da Unicamp* (Campinas-S.P.) entre 2019 e 2022. **ORCID iD:** <https://orcid.org/0000-0002-0996-571X>.

Mesa 3 - Suicídios, migrações culturais e crimes do Domingo Ilustrado

João Fatela (École Supérieure de Travail Social – ETSUP, França)

O Suicídio: sensibilidade e inquietação na Lisboa oitocentista através da imprensa noticiosa e médica

Para a presente comunicação, irei apoiar-me na entrada que escrevi sobre o tema para o Dicionário da Geração de 70 (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, no prelo). Para lá do gesto funesto de Antero de Quental do qual parti, mas que aqui não será abordado, o suicídio, particularmente em Lisboa, é um tema muito presente na imprensa noticiosa (e, também, médica) das últimas décadas de Oitocentos. Notícias e comentários testemunham aquilo que aí é apresentado como uma recrudescência do fenómeno, a sua extensão à “sociedade obscura”, na expressão de Camilo, e o aparecimento de novas formas que o distinguiriam das mortes voluntárias e heróicas da Antiguidade. Considerada, por um lado, como responsável, em parte, dessa recrudescência, o papel da imprensa na percepção e visibilidade do suicídio é sociologicamente determinante. Ela representa, com todos os seus limites, uma das fontes principais, senão a principal, do seu estudo e interpretação, ao lado das primeiras e incipientes estatísticas e dos primeiros trabalhos médicos (higiene social) sobre ele, bem como da literatura (romântica e, sobretudo, naturalista). Em matéria de debate público, em torno, nomeadamente, da questão da “descristianização da morte” (F. Catroga), o destaque vai para a aliança da imprensa com a medicina, concretizada em algumas iniciativas por parte dos principais jornais, com vista à prevenção e regulação do suicídio, contribuindo para a sua construção como facto social entre nós. E isso sob o impulso, entre outros, da figura de um médico, Sousa Martins, que, desde 1871, se dirigia aos jornalistas enquanto “higienistas e médicos do corpo social”.

João Fatela Doutorado em Antropologia pela Universidade de Paris VII (tese de antropologia histórica sob a direcção de Michel de Certeau). Licenciado em Psicologia Clínica. Docente na Escola Superior de Trabalho Social (ETSUP), em parceria com a Universidade de Paris X. Como investigador, tem-se consagrado sobretudo ao estudo das marginalidades sociais, sob as vertentes antropológica e histórica. Dos seus livros e artigos, há que destacar *O Sangue e a Rua* (2.ª ed., 2019) e *Drogue, Microéconomie et Pratiques Urbaines en France* (Conselho da Europa), assim como diversos contributos para actas de colóquios internacionais (Modos de repressão dos vadios no século XIX; Institucionalização da justiça de menores na Primeira República, em Portugal, etc.). Saliente-se ainda, em matéria de jornalismo, a colaboração regular num passado recente nas revistas *Esprit* (Paris) e *Raiz e Utopia* (Lisboa).

Rachel Bertol (Universidade Federal Fluminense)

Migrações culturais do imaginário popular na imprensa entre Brasil e França na belle époque: entre malandros, apaches e boêmios

O "apache", segundo Benjamin, é o "delinquente urbano", figura das ruas de Paris de meados do século XIX que o autor destaca, entre outras, para compreender a Modernidade sugerida pela poesia de Baudelaire. Buscando nas ruas os motivos heróicos da poesia, Baudelaire é o boêmio, assim como "flâneur, apache, dandy e trapeiro", possibilidades de máscaras. "Como não tinha convicções próprias, assumiu constantemente novas máscaras", afirma Benjamin. Esses tipos, relacionados às "classes perigosas", referem-se às então novas experiências urbanas, constituídas em relação com as mídias e os entretenimentos, como mostra Benjamin, especialmente jornais impressos, mas também romances, teatros e, no fim do século, filmes, fonógrafos etc. Para compreender as "narrativas sobre crimes" na *belle époque*, também em

Paris (embora num período posterior ao que Benjamin retrata), Kalifa (2019) lança mão dessa panóplia midiática e de entretenimentos para analisar o imaginário relacionado a esse universo. O apache, que aparece muitas vezes na obra de Kalifa, é possivelmente o mais desafiador dos tipos urbanos destacados por Benjamin. Este artigo em desenvolvimento tem como objetivo falar desse "imaginário", categoria com a qual Kalifa trabalha para analisar as partilhas de narrativas de crime, inclusive com impactos na definição de políticas públicas. Parte-se da pressuposição de que é um imaginário que circula para além das fronteiras nacionais francesas. Ainda no Rio de Janeiro do Império, o "boêmio" ingressa no cotidiano de jornalistas e tipos como o capoeira ou o malandro relacionam-se ao imaginário sobre as "classes perigosas", expressão de ressonância no pós-Abolição. O artigo quer abordar aspectos desse imaginário transatlântico.

Rachel Bertol Professora no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF) e no quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC) da mesma instituição. Realizou pós-doutorado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo (USP), entre 2023 e 2024. Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, com extensão na Universidade de Princeton (EUA). Coordena o grupo de pesquisa Tempos: Temporalidade dos Meios Comunicacionais, Linguagem e Cotidiano, do PPGMC-UFF, e integra a diretoria da Associação Brasileira de História da Mídia - Alcar (2023-27) como coordenadora da seção Sudeste. Participa, entre outros, do grupo de pesquisa Imprensa e Circulação de Ideias: o papel dos periódicos nos séculos XIX e XX e é autora de "Trincheiras da Crítica Literária: O crítico José Veríssimo nos circuitos jornalísticos da belle époque carioca" (2022), contemplado com o edital de publicações da Faperj. Realiza pesquisa sobre sociabilidades no jornalismo brasileiro, em perspectiva histórica, com apoio da Faperj.

Júlio Rodrigues da Silva (CHAM, NOVA FCSH/UAC, Portugal)

“O Domingo Ilustrado” e a criminalidade no final da Primeira República (1925-1927)

No final da Primeira República e no início do Estado Novo (1924-1927) a revista “Domingo Ilustrado” destaca-se no panorama da imprensa periódica portuguesa, pela importância concedida aos crimes e à criminalidade nacional, com especial destaque para a cidade Lisboa. Através da análise das imagens e dos textos dedicados ao tema serão definidas as principais características da criminalidade da revista e a sua relevância na construção de uma visão securitária da sociedade.

Júlio Rodrigues da Silva Doutorado em História e Teoria das Ideias, especialidade de História das Ideias Políticas. Professor Associado da FCSH da UNL (2011-). Investigador Integrado e Membro do Conselho Científico do CHAM (NOVA FCSH / UAc) (2013-). Investigador Colaborador do CEIS 20, da FLUC da U.C. (2007-2023). Membro Efetivo do Conselho Científico da Comissão Portuguesa de História Militar (2007-2023). **ORCID iD:** <http://orcid.org/0000-0002-5679-1273>.

Dia 27 Novembro – Manhã

Conferência

Fernando Catroga (Universidade de Coimbra, Portugal)

A mentira, o engano e o erro: reflexões históricas

Fernando Catroga é professor catedrático jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É doutorado em História Moderna e Contemporânea pela Universidade de Coimbra e

doutor Honoris Causa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Brasil). Coordena o grupo de investigação Repensar o Ofício do Historiador, no CHSC. Foi diretor da *Revista de História das Ideias*. Tem extensa obra publicada no domínio da história política, cultural e das ideias. Principais áreas de interesse e investigação: Republicanismo; Secularização e Laicidade; Memória Histórica; Teoria da História; Historiografia; História das Ideias; História Cultural. **ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0005-8636-1986>**.

Mesa 4 – Noticiário criminal, assassinato de reputação e cultura visual

Maria João Vaz (Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, CIES, Portugal)

Noticiário sobre o Crime na Imprensa Periódica Lisboa (c. 1860-1910)

Num período que antecede a televisão, a rádio e as atuais redes sociais, a imprensa de carácter popular, generalista e de maior circulação, informava e moldava a opinião pública, noticiando elementos que se tornavam tópico de conversa e discussão. Os jornais eram uma importante fonte de informação e de saber para muitos dos habitantes da cidade de Lisboa nas últimas décadas da Monarquia Constitucional. As histórias de crimes, muitas vezes utilizadas como estratégia para atrair leitores e aumentar as vendas, preenchiam os jornais e despertavam um imenso interesse entre os leitores. Num período de emergência do «novo jornalismo» e implantação da imprensa de massas, esta comunicação, centrada na cidade de Lisboa, examina a divulgação de eventos criminosos pelos dois jornais de maior tiragem, o *Diário de Notícias* (1864) e *O Século* (1880). Ambos dedicam um espaço alargado ao noticiário sobre o crime, contribuindo para a determinar perceções sociais profundamente implantadas e partilhadas sobre o crime, os seus atores e o seu significado.

Maria João Vaz Professora do Departamento de História do Iscte-Instituto Universitário de Lisboa e investigadora integrada do Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES-Iscte). Investiga questões relativas ao crime, controlo social, justiça criminal, polícia e sistema prisional no Portugal contemporâneo. Entre outros estudos, publicou *Crime e Sociedade. Portugal na Segunda Metade do Século XIX* (Lisboa, Celta, 1998); *O Crime em Lisboa. 1850-1910* (Lisboa, Tinta da China, 2014); e mais recentemente, em coautoria com Pedro Olmo, «Los incorregibles del sistema penitenciario liberal en España y Portugal (1870-1930)» (*Rubrica Contemporanea*, n. 25, 2023). É investigadora responsável pelo projeto «Colaborações internacionais: criminalidade e cooperação policial no Atlântico Ibero-Americano, c. 1870-1940» (PTDC/HAR-HIS/3580/2021). **ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0003-920X>**.

José Miguel Sardica (FCH / IEP, Universidade Católica Portuguesa, Portugal)

Sensacionalismo, character assassination e demolição política: a imprensa portuguesa perante o governo de João Franco e a monarquia de D. Carlos (1906-1908)

O objetivo desta comunicação é recontar e analisar uma conjuntura particularmente dramática na relação entre o poder e a imprensa no tempo do governo do conselheiro regenerador-liberal João Franco (1906-1908), uma aposta pessoal do rei D. Carlos. A lógica partidária desse executivo, a sua pretendida obra reformista, a forma como rompeu com a elite monárquica tradicional e como afrontou a determinação oposicionista dos republicanos levaram a imprensa de vários quadrantes ao paroxismo da linguagem acusatória contra o rei e seu conselheiro. Perante uma opinião pública muito mais fragmentada do que em tempos anteriores, porque mais republicanizada, o rei D. Carlos e os líderes partidários dos seus governos foram sujeitos a um

inusitado escrutínio público, onde a linguagem e a imagem (títulos e textos jornalísticos, caricaturas e fotografias) atuaram para criar uma atmosfera acusatória emocional, de voyeurismo e de crítica, de demolição e de *character assassination*, influenciando nos acontecimentos e na visão percebida do monarca e dos governantes, e obrigando estes ao dilema de procurarem captar a simpatia pública, em busca da popularidade, ou a defesa reputacional, em nome da autoridade.

José Miguel Sardica Historiador e professor associado com agregação da Faculdade de Ciências Humanas e do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, especialista em história portuguesa, ibérica e internacional dos séculos XIX e XX. É autor de mais de uma centena de capítulos de livros e artigos acadêmicos, e de 18 livros sobre história portuguesa contemporânea. Foi Diretor da Faculdade de Ciências Humanas da UCP, e é, atualmente, Diretor do Programa Interuniversitário de Doutorado em História, membro da direção da Sociedade Científica da UCP e colunista da *Rádio Renascença* em assuntos de história, política e sociedade. **ORCID iD:** <https://orcid.org/0000-0001-9842-743X>.

Valéria dos Santos Guimarães (Universidade Estadual Paulista, Brasil)

Narrativas deslizantes: “sensacionais revelações” e cultura visual na grande imprensa (Rio de Janeiro e São Paulo, 1900-1930)

A presente comunicação trará alguns exemplos encontrados na imprensa periódica brasileira da passagem do século XIX para o XX do que Dominique Kalifa chamou de *glissement* (deslizamento) das representações midiáticas de eventos do cotidiano noticiados pela chave do sensacionalismo. Da crônica policial à crônica literária, culminando com farta representação visual, tais notícias compunham um imaginário a um só tempo universal e local. Um dos casos que servirão de guia é um *fait divers* acerca de um suposto fenômeno espírita que se estendeu em polêmicas pelos jornais e revistas em 1916, mobilizando a mais alta sociedade paulistana com “sensacionais revelações”. Todos os recursos de uma imprensa de moldes empresariais já podem ser notados: o repórter com poderes investigativos, a enquete, entrevistas e testemunhos, com destaque para fotografias usadas como registro de verdade documental. De outro lado, observa-se um profundo diálogo com a cultura tradicional. Pretende-se desdobrar tais questões com base em fontes extraídas de alguns periódicos como *Jornal do Brasil* (RJ), *A Gazeta* (SP) e revistas ilustradas como *Careta* (RJ) e *A Cigarra* (SP).

Valéria dos Santos Guimarães Doutora em História pela USP, professora Livre-Docente do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História na Unesp e colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma universidade. Foi professora visitante na Université Laval, Canadá (2020) e é pesquisadora associada no Centre d’Histoire Culturelle des Sociétés Contemporaines (UVSQ), França. Pesquisa, entre outros, as trocas culturais entre França e Brasil no âmbito da imprensa e dedicou vários anos à pesquisa sobre história dos *faits divers* no Brasil com resultados publicados no livro *Notícias Diversas: suicídios por amor, leituras contagiosas e cultura popular em São Paulo dos anos dez*. (Mercado de Letras, 2013) ou em artigos tais como *Primórdios da história do sensacionalismo no Brasil: os faits divers criminais* (ArtCultura, v. 16, 2014) entre outros, disponíveis em <https://unep.academia.edu/valeriaguimaraes>. **ORCID iD:** <https://orcid.org/0000-0003-0614-8922>.

Dia 27 Novembro - tarde

Mesa 5 - O lugar do crime na imprensa no Atlântico sul-americano

Diego Galeano (CNPq-FAPERJ-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil)

Crimes do mundo: o affaire Troppmann e o nascimento da imprensa policial na América do Sul

A partir do célebre caso Troppmann (1869), esta comunicação buscará explicar o nascimento de uma rede de circulação internacional de notícias policiais que se expandiu no mundo atlântico desde o último quartel do século XIX. O fenômeno insere-se num processo mais amplo de consolidação das narrativas do crime e da figura do cronista policial, ator central na imprensa sul-americana. Duas razões podem ser identificadas para o impacto transatlântico de uma notícia policial remota. Em primeiro lugar, a sua capacidade de transformar-se em estereótipo do comportamento delitivo de uma época e em um catalisador de preocupações morais, que na América do Sul estavam estreitamente ligadas a circuitos de mobilidade humana. Em segundo lugar, a notícia policial ganhava impacto global cada vez que conseguia construir e entrelaçar sentidos de um mundo conectado, no qual as pistas de um crime misterioso, o suspeito e seus cúmplices poderiam ser encontrados em qualquer ponto das rotas traçadas pelos navios a vapor. Rio de Janeiro, Buenos Aires e Montevidéu, capitais e cidades portuárias do Atlântico Sul, ocupavam um lugar de destaque nessa geografia.

Diego Galeano Professor do Departamento de História da PUC-Rio. Sua pesquisa se concentra na história conectada do crime e da vigilância policial na América do Sul (séculos XIX e XX). Atualmente desenvolve um projeto sobre rumores, notícias falsas e mobilidades atlânticas no mundo ibero-americano. Entre outros livros, é autor de *Delincuentes viajeros: estafadores, punguistas y policías en el Atlántico sudamericano* (Siglo XXI, 2018). Publicado em português em 2016, recebeu o Prêmio de Pesquisa do Arquivo Nacional. Foi professor e pesquisador visitante na Université Paris 1 Pantheon-Sorbonne (2017), no Munich Centre for Global History – LMU (2019-2020), no Max Planck Institute for Legal History and Legal Theory (2022) e no Programa de Estudos Latino-americanos (PLAS) – Princeton University. É bolsista dos programas Produtividade do CNPq e Cientista do Nosso Estado da FAPERJ. **ORCID iD:** <https://orcid.org/0000-0003-2450-1945>.

Emiliano Gastón Sánchez (CEL-LICH-UNSAM/CONICET, Argentina)

“Tinta y bilis”: ecos del affaire Caillaux en Buenos Aires”

Esta presentación analiza las repercusiones en la prensa de Buenos Aires del *affaire* Caillaux, un escándalo político y mediático que mantuvo en vilo a Francia (y a buena parte del globo) desde marzo de 1914 hasta los días previos al estallido de la Gran Guerra. No obstante su brevedad, este caso permite analizar una serie de rasgos constitutivos de la prensa y de la cultura mediática porteña de comienzos del siglo XX. Entre las cuales, cabría señalar, en primer lugar, la centralidad de Francia y de los periodísticos franceses en la geografía noticiosa de Buenos Aires; en segundo lugar, las circulaciones de diversas representaciones sobre el rol de la mujer en la sociedad contemporánea y, en especial, de la *femme criminelle*. Y en tercer y último lugar, el eclecticismo temático que caracterizó a los intereses del público porteño como consumidor de las noticias internacionales. Para abordar estos diversos tópicos se analizarán un conjunto de periódicos representativos del sistema de la prensa de Buenos Aires: los grandes matutinos (*La Nación* y *La Prensa*), los vespertinos (*El Diario* y *La Razón*), la prensa de izquierdas (*La Protesta* y *La Vanguardia*), la católica (*El Pueblo*), los semanarios ilustrados (*Caras y Caretas*, *Fray Mocho* y *P. B. T.*) y las publicaciones vinculadas a la colectividad francesa, en particular, por el diario *Le Courier de la Plata*.

Emiliano Gastón Sánchez (Buenos Aires, 1981) es Doctor en Historia por la Universidad de Buenos Aires. Investigador Adjunto del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), con sede en el Laboratorio de Investigación en Ciencias Humanas (LICH) de la Universidad Nacional de San Martín (UNSAM), donde coordina el Programa de Historia de la Prensa (PROHIP). Se desempeña también como profesor en la carrera de Historia de la Universidad de Buenos Aires (UBA). Ha recibido becas y subsidios del CONICET, de la Agencia Nacional de Promoción Científica y Tecnológica y del Fondo Nacional de la Artes. Sus investigaciones se centran en la historia de la prensa y la cultura mediática de Buenos Aires y sus vínculos con Europa y América latina. Es autor del libro *Batallas de tinta y papel. La prensa de Buenos Aires ante la Primera Guerra Mundial* (Tren en movimiento, 2024).

Mesa 6 – As mulheres e o crime

Amanda Ribeiro Mafra Lima (IFMG, Brasil)

Heroínas valentes e companheiras defuntas: mulheres e crimes nas crônicas semanais de Carmen Dolores (O Paiz, Rio de Janeiro, 1905)

De 1905 a 1910, Emília Moncorvo Bandeira de Melo, sob o pseudônimo Carmen Dolores, conduziu a seção “A Semana” do jornal carioca *O Paiz*. Comentando o noticiário dos dias anteriores, Dolores tomava como tema privilegiado os acontecimentos com “cheiro de sangue e de morte”. Suas crônicas inscreviam-se em uma conjuntura transnacional em que o crime se tornava objeto do consumo midiático, ganhando espaço de destaque nas páginas impressas. Partindo dos caminhos delineados por Kalifa (2019), esta comunicação se debruça sobre duas crônicas de Carmen Dolores que abordam casos criminais envolvendo mulheres. Analisaremos como os crimes e seus sujeitos são representados, buscando apreender suas configurações próprias a partir de sua inscrição no contexto carioca. Nesse sentido, tomamos as representações em sua relação dialógica com a realidade social (Chartier, 2002) e com as relações de poder que a constituem – expressas em termos de classe, raça e gênero (Scott, 1989). Por meio da análise intertextual dos documentos, buscamos identificar os diálogos estabelecidos entre as crônicas de Dolores, outros discursos sobre o crime e os valores hegemônicos e contra hegemônicos do período sobre as relações de gênero. Aproximando-nos das pesquisas de Kalifa (2019), trabalhamos com a hipótese de que as representações sobre a relação entre mulheres e crimes constroem-se a partir do entrecruzamento entre referências culturais tradicionais e dilemas próprios à modernidade. Por meio deste movimento, as crônicas tecem de forma ambígua sua defesa a valores hegemônicos, ao mesmo tempo em que desnudam a violência presente na experiência concreta das mulheres, exigindo um outro lugar a estas na sociedade carioca.

Amanda Ribeiro Mafra Lima Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), defendendo a dissertação “Sobre Marias, seus venenos e surrupios: as representações da criminalidade feminina na literatura de crime no Rio de Janeiro (1880 a 1910), em 2018. Atualmente é doutoranda em História e Cultura Social pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista (PPGH/UNESP- Franca), sob orientação da Profa. Dra. Valéria dos Santos Guimarães. Docente de História do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) e membro do Grupo de Estudos de História da Cultura Midiática (MidiaCult). Desenvolve pesquisas na área de História Cultural da Imprensa e do Crime, buscando articular cultura impressa, imaginário do crime e história das mulheres no contexto do Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX. **ORCID iD:** <https://orcid.org/0000-0001-9414-0781>.

Mérodie Houde & Samuel Charland (UQTR - Université du Québec à Trois-Rivières, Canada)

“Poison” et “mystification” : les histoires vraies de la presse féminine sous le feu des critiques dans les années 1940-1950

Lancée avec l'hebdomadaire *Confidences* en 1938 puis véritablement propulsée à partir de 1947, la presse du cœur, en France, est la cible de vives critiques au cours des années 1940 et 1950. On reproche diverses choses aux « histoires vraies » diffusées par ces journaux, notamment leur caractère forgé et mystificateur (alors que ces histoires sont données pour des témoignages véridiques), leur faible tenue littéraire et leurs représentations stéréotypées. Cette communication recensera et éclairera les arguments de cette controverse par le prisme d'une analyse des discours des années 1940 et 1950. Nous chercherons à cartographier les acteurs et actrices qui nourrissent cette vision péjorative de la presse du cœur, qui émane parfois, étonnamment, de personnalités majeures de la presse féminine et d'anciennes collaboratrices de la presse du cœur. Si les prises de position des catholiques et des intellectuels ont déjà été commentés, notre analyse insistera sur les tensions que ce débat génère au sein de l'écosystème de la presse féminine de l'époque.

Mérodie Simard-Houde est professeure de littérature à l'Université du Québec à Trois-Rivières. Elle s'intéresse à la culture médiatique, aux écritures du réel et à la poétique du support du XIX^e siècle à nos jours. Ses travaux ont porté sur le genre du reportage (*Le reporter et ses fictions. Poétique historique d'un imaginaire* en 2017) et sur l'imaginaire de l'aviation pionnière. Elle mène présentement des recherches sur les « histoires vraies » sentimentales et la judiciarisation du « roman vécu » au début du XX^e siècle. Elle est co-chercheuse au sein du Groupe de recherches et d'études sur le livre au Québec (GRÉLQ). **ORCID iD:** <https://orcid.org/0000-0001-5140-0598>.

Samuel Charland est étudiant à la maîtrise en lettres à l'Université du Québec à Trois-Rivières. Assistant de recherche pour le projet « Faits vécus et histoires vraies : une médiapoétique dans la presse et l'édition populaire » dirigé par Mérodie Simard-Houde, il a également participé à l'organisation et à l'élaboration de l'exposition littéraire qui a eu lieu de l'automne 2022 à l'hiver 2023 à la bibliothèque de l'UQTR, intitulée : *Littérairement femmes : 25 œuvres de femmes du Québec à (re)découvrir (XX^e – XXI^e siècles)*.

Mesa 7 – Escravidão

Bruna Martins (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)

Crimes contra “senhores”, imprensa carioca e prisões imperiais: o caso Isabel Jacintho da Silva

Em 11 de outubro de 1846, um Domingo, o Jornal do Commercio noticiava a descoberta dos responsáveis pela morte por envenenamento do senhor de escravos Jacintho José da Silva, sendo criminosos confessos o liberto Innocencio José da Silva e sua irmã, a escravizada Isabel Jacintho da Silva. Desde então, o caso recebeu destaque nas páginas dos jornais, reproduzindo detalhes do processo que envolveu várias controvérsias, desde a presta exumação e autópsia do cadáver até a validade da confissão e legalidade da pena imposta à jovem escrava pelo Tribunal do Juri. A nossa comunicação propõe mostrar a relação entre processo criminal, escravidão e imprensa através da trajetória de Isabel Jacintho, mulher escravizada, condenada à prisão perpétua com trabalho por confessar ter propinado o veneno fatal ao seu senhor. Isabel Jacintho iniciou o cumprimento de sua pena no Aljube, mas foi posteriormente conduzida à Casa de Correção da

Corte. Seu retrato figura como a da única mulher escravizada entre as trezentos e vinte e quatro fotografias da Galeria dos Condenados, primeiro registro iconográfico prisional do Brasil, que foi levado ao público na Exposição Universal da Philadelphia, de 1876. Isabel Jacintha clamou por sua inocência durante décadas até receber a Clemência Imperial de D. Pedro II em 1879.

Bruna Martins Historiadora e advogada criminal, doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF); no momento, realiza pós-doutoramento em História na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) sob supervisão da Profa. Icléia Thiesen; membro da Comissão de Criminologia e de Direito Penal do Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB); Conselheira da Sociedade dos Advogados Criminais do Estado do Rio de Janeiro (SACERJ); Coordenadora da Associação Brasileira de Juristas pela Democracia (ABJD); membro da Comissão de Lawfare da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e da Organização Lawfare Nunca Mais. **ORCID iD:** <https://orcid.org/0009-0009-0025-774X>.

Karoline Carula (Universidade Federal Fluminense, Brasil)

A imprensa na corte imperial e a maternidade das mulheres escravizadas

Até a década de 1860, a maternidade das mulheres escravizadas foi, substancialmente, silenciada nos jornais e revistas que circularam na capital do Império do Brasil. Por exemplo, no caso das amas de leite escravizadas, por exemplo, parte da imprensa colaborou para construção de representações negativas acerca das mulheres que desempenhavam tal atividade e tentou formar uma opinião pública contrária àquele método de alimentação infantil. A maternidade da mulher escravizada passou a figurar nas páginas dos periódicos de modo mais intenso e com traços mais humanitários, com o crescimento do movimento abolicionista e o estabelecimento das leis que trouxeram para o foco a separação entre mãe e filhos/as e a liberdade destes/as. Ocorreu, sobretudo após a Lei do Ventre Livre, de 1871, uma mudança na maneira como a maternidade daquelas mulheres apareceu na imprensa, não só a abolicionista. O tema passou a ganhar destaque, as violências sofridas pelas mães escravizadas passaram a ser denunciadas, com linguajar extremamente comovente. Creio que, para além da finalidade das acusações para a causa abolicionista, essa retórica tenha colaborado, mesmo que não intencionalmente, para o aumento da tiragem de alguns jornais. Posto isso, a presente comunicação busca analisar essa mudança de abordagem na imprensa e sua relação com o crescimento nas vendas das publicações.

Karoline Carula é doutora em História pela Universidade de São Paulo e professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. É pesquisadora Jovem Cientista do Nosso Estado da Faperj e bolsista de Produtividade em Pesquisa, nível 2, do CNPq. Suas pesquisas giram em torno dos temas: escravidão, gênero, raça, ciência, intelectuais e imprensa. Publicou *Darwinismo, raça e gênero: projetos modernizadores da nação em conferências e cursos públicos (Rio de Janeiro, 1870-1889)* (2016) e *A tribuna da ciência: as Conferências Populares da Glória e as discussões do darwinismo na imprensa carioca (1873-1880)* (2009); e, dentre outros, coorganizou *Escravidão e maternidade no mundo atlântico: corpo, saúde, trabalho, família e liberdade nos séculos XVIII e XIX* (2022). **ORCID iD:** <https://orcid.org/0000-0003-2143-1240>.

Dia 28 Novembro – Manhã

Conferência

Marie-Eve Therenty (Université Montpellier 3, França)

Le groupe de presse Nuit et Jour (1945-1970) : un écosystème sensationnaliste

Le groupe de presse *Nuit et Jour*, encore en activité aujourd'hui, naît au lendemain de la Seconde Guerre Mondiale. Il est notamment composé dans sa période flamboyante, les années cinquante, d'un magazine d'actualité, *Radar*, d'un hebdomadaire de faits divers, *Détective* et d'un journal sentimental diffusant des romans-photos, *Rêves*. Partageant largement leurs rédactions, leurs photographes, leurs agences, ces hebdomadaires qui semblent avoir des ambitions et des publics différents se fondent tous les trois sur une forme de sensationnalisme bridé par la loi de 1949. La conférence visera à mettre en évidence, dans le groupe, la pratique de plusieurs genres de sensationnalisme depuis un journalisme de la surenchère mélodramatique, ironique et parodique, qui prend résolument le contrepied du nouveau modèle journalistique sérieux de 1945, jusqu'à des formes de sensationnalisme plus dramatiques, émotionnels et immersifs. Ces différentes modalités nourrissent jusqu'aux fictions publiées par ces journaux, rédigés par un collectif unique d'écrivains-journalistes, qui fonctionnent comme un écosystème sensationnaliste. Scandales, polémiques et interdictions se succèdent jusqu'à la disparition de deux de ces journaux tandis que le troisième évoluera vers un sensationnalisme trash.

Marie-Ève Thérenty Professeure des universités, directrice du centre de recherche RIRRA 21 à l'Université Paul Valéry Montpellier 3 et membre senior de l'Institut Universitaire de France. Spécialiste des rapports entre presse et littérature, de poétique des supports et d'imaginaire des sociétés médiatiques, elle a publié plusieurs ouvrages dont *Mosaïques. Être écrivain entre presse et roman (1829-1836)*, Champion, 2003 ; *La Littérature au quotidien. Poétiques journalistiques au XIX^e siècle*, Seuil, 2007 et *Femmes de presse, femmes de lettres. De Delphine de Girardin à Florence Aubenas*, CNRS éditions, 2019. A l'automne 2024, elle a réédité l'essai de Dominique Kalifa, *Usages du faux. Faits divers et romans criminels au XIXe siècle* aux éditions de la Sorbonne. Son prochain personnel livre intitulé *L'Âge du papier. Poétiques du support, négociation éditoriale et imaginaire des dispositifs en littérature*, sortira en 2025. Elle codirige avec Guillaume Pinson la plate-forme medias19.org dédiée à l'étude de la culture médiatique.

Dia 28 Novembro – tarde

Mesa 9 – Um escândalo, alguns criminosos: polêmicas e sensações

Paulo Jorge Fernandes (NOVA FCSH, Portugal)

Um marquês, uma travessa e várias caricaturas: o escândalo que divertiu o regime (1881)

Em plena campanha eleitoral para a Câmara dos Deputados, em 1881, veio ao conhecimento geral um escândalo passado em Lisboa que ganhou amplitude na imprensa e que viria a deixar uma marca na sociedade portuguesa de finais do século XIX. O caso apresentava todos os ingredientes de um enredo sensacional envolvendo conhecidas figuras do meio político, personagens de rua de reputação duvidosa, sexo, intriga, espionagem, vingança e jogos de bastidores nos corredores da governação. O episódio alimentou as páginas dos principais periódicos durante semanas e teve repercussões que se prolongaram no tempo chegando também a ter desenvolvimentos na literatura da época. Naturalmente, devido aos contornos burlescos da ocorrência, os jornais satíricos encontraram, igualmente, motivos para contar a sua versão dos acontecimentos e divertir os leitores com textos bastante espirituosos e desenhos

ainda mais sugestivos. A presente comunicação pretende contar novamente esta história recorrendo às imagens então publicadas em mais uma demonstração da importância da caricatura editorial e do humor político para a formação e informação da opinião pública.

Paulo Jorge Fernandes Doutorado em História Institucional e Política da Idade Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É Professor Auxiliar no departamento de História e investigador integrado no Instituto de História Contemporânea na mesma faculdade. Os seus interesses de investigação incidem sobre o "longo século XIX" e dividem-se por várias áreas da História Política e Social com particular foco na história do Estado, das elites políticas, dos partidos, das eleições e do parlamento. Dedicar-se também ao estudo da História da Imprensa (política, colonial e satírica) e da biografia. Mais recentemente tem centrado a sua atenção sobre o tema dos usos políticos e sociais do humor ao longo da História numa perspectiva global. Da sua bibliografia mais recente destaque-se em co-autoria a obra *Cartoon Conflicts: Contemporary Controversies and Historical Precedents*, Palgrave, Fevereiro de 2025 (<https://link.springer.com/book/9783031697616>). **ORCID iD:** <https://orcid.org/0000-0002-4702-1955>.

Marcos Luiz Bretas (CNPq-FAPERJ-UFRJ, Brasil)

Nas Ruas e nos Jornais: os assaltantes cariocas

O objetivo deste trabalho é analisar o tratamento que a imprensa dá à questão criminal após o término do Estado Novo em 1945. O final de um período ditatorial, e, conseqüentemente, da prática acirrada de censura permite à imprensa carioca um espaço de atuação muito mais amplo. A presença do crime na cidade ganha novo relevo, destacando-se uma atuação mais intensa no noticiário de assaltantes agindo nas ruas da cidade, distinguindo-se da criminalidade retratada desde a década de 1920, onde o foco era a chamada "malandragem", os valentes que controlavam um espaço urbano distante do público leitor destes jornais, chegando mesmo a uma versão romantizada deste personagem, expresso nas músicas do período.

A partir da segunda metade da década de 1940, o perfil criminal se reconfigura, tornando-se mais próximo e mais ameaçador, os criminosos se aproximam, chegando a oferecer um novo risco nas ruas da cidade. Ao mesmo tempo, esses novos criminosos introduzem outras características além da ocupação de um novo espaço. Num perfil não tão novo assim, criminosos negros e jovens, com passagem por unidades de assistência, acrescenta-se uma expansão do uso da arma e uma motivação que é o consumo de drogas, particularmente o da maconha.

Marcos Luiz Bretas Professor associado de História do Brasil na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Formado em História pela Universidade Federal Fluminense, tem mestrado em Ciência Política pelo IUPERJ e doutorado em História pela The Open University da Grã-Bretanha. Fez um pós doutorado na Université de Lille 1. Autor dos livros *Ordem na Cidade* (Rocco, 1997) e *A Guerra das Ruas* (Gramma, 2018) além de organizar diversas coletâneas, entre elas *A História das Prisões no Brasil* (Anfiteatro, 2017) e *Polícia, Justiça e Prisões, Estudos Históricos* (Appris, 2020). Trabalha principalmente com a história da polícia e do crime no Brasil, com ênfase no período da Primeira República. Trabalha também com as relações entre a produção cultural carioca – teatro, literatura, música - e temas criminais e censura. Recentemente tem se voltado para a história social do crime no período 1945-64, analisando o desenvolvimento da criminalidade urbana e suas representações na imprensa, além da emergência da questão das drogas no Rio de Janeiro.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5769-0290>.

Marialva Barbosa (UFR, Brasil)

Polêmicas e sensações: o jornalismo em busca do público no "longo século XX"

A comunicação procura mostrar as estratégias narrativas dos jornais definidos como “populares”, por alcançar um público mais amplo, desde o início do processo de industrialização dos diários, no Rio de Janeiro, no início do século XX até a construção do que se denominou “o novo jornalismo popular”, já nos anos 1990. O apelo ao que denominamos sensações, em detrimento do termo sensacionalismo ou jornalismo popular, se constitui como uma narrativa duradoura desta imprensa que, através de um conjunto de temas, navega entre o sonho e a realidade, acionando matrizes culturais do popular. Mais do que tentar aprisionar os conteúdos como populares, observa-se que a imprensa e o jornalismo se qualificam como de “sensações” pela tipologia e pela forma como o público deles se apropria, através de práticas populares. Assim, na proposição, objetiva-se perceber o popular pelas frestas que aparecem nas narrativas, entre outras estratégias metodológicas, mostrando, também, práticas de apropriação dos grupos populares.

Marialva Barbosa Professora Titular da Escola de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora em História, pesquisadora do CNPq e Cientista do Nosso Estado da FAPERJ, dedica-se a estudar há várias décadas a história da imprensa no Brasil. Foi professora visitante da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal. Seu último livro sobre o tema, *História da Imprensa - o tempo presente (1980-2000)*, foi publicado, em 2024. **ORCID iD:** <https://orcid.org/0000-0001-8875-7128>.

Mesa 10 – Crimes de imprensa, uma polêmica e o escândalo

Rodrigo de Camargo Godoi (Universidade Estadual de Campinas, Brasil)

Crimes de Imprensa na Comarca de Campinas, 1832-1929

Esta comunicação analisará, com base em cerca de vinte processos judiciais julgados na Comarca de Campinas entre 1832 e 1929, como as reformas judiciais implementadas no início da década de 1840 afetaram as práticas de produção e circulação de jornais. Somando-se aos 48 processos já analisados em uma etapa anterior da pesquisa, este novo conjunto documental oferece uma visão privilegiada para compreender como o Tribunal do Júri foi substituído nos autos de exibição de autógrafos, que precediam ações criminais nas quais, devido à institucionalização do anonimato, editores e proprietários de jornais corriam alto risco de prisão. Além de evidenciar a expansão da imprensa no interior da Província e, posteriormente, do Estado de São Paulo, o acervo do Tribunal de Justiça de Campinas, preservado no Centro de Memória da Unicamp, é uma fonte riquíssima, pois guarda tanto as ações preparatórias quanto os processos criminais subsequentes. Por fim, vale ressaltar que esta comunicação faz parte de um projeto mais amplo que investiga a violência contra jornalistas e o papel do Judiciário na consolidação da liberdade de imprensa no Brasil entre 1830 e 1930.

Rodrigo de Camargo Godoi é professor de História do Brasil Império no IFCH-Unicamp e atua no Programa de Pós-Graduação em História e no Mestrado Profissional em Ensino de História. Doutor em História pela Unicamp (2014), foi pesquisador visitante na Vanderbilt University (2020) e no Max-Planck-Institut (2022). É autor de "Francisco de Paula Brito: A Black Publisher in Imperial Brazil" (2020).

Virginia Camilotti (PPGH-Unesp, Brasil)

A Pátria - a polémica como *dynamis* de uma campanha pela “fraternidade latina e aproximação entre Portugal e Brasil”

Durante as duas primeiras décadas do século XX, o literato brasileiro João do Rio e o poeta português João de Barros foram os grandes articuladores de uma mitologia identitária a envolver Brasil e Portugal. A revista *Atlantida*, por eles criada em 1915, foi o primeiro veículo dedicado a sua constituição. Tão logo a revista *Atlantida* desapareceu, o sonho de uma articulação entre Brasil e Portugal alojou-se no jornal *A Pátria*. Criado em 1920, o diário, que prometia cultivar a “fraternidade latina” a fim de estimular relações entre todos os países de matriz histórico-linguística comum, apelava, enfaticamente, à “aproximação entre Portugal e Brasil”. “*A Pátria - a polémica como *dynamis* de uma campanha pela ‘fraternidade latina e aproximação entre Portugal e Brasil’* busca explorar os métodos adotados pelo diário para a consecução desses objetivos, em especial a transposição para o âmbito da política do sensacionalismo que desde muito envolvia o noticioso criminal e a instalação de polémicas em torno do tema da imigração/nacionalização, como o famoso caso dos poveiros.

Virginia Camilotti Docente do Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da UNESP-Franca e pesquisadora do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL) da UL, Virginia Camilotti é mestre e doutora em História pela UNICAMP. Autora de *João do Rio: ideias sem lugar*. E em coedição com Claudia Poncioni, publicou *Muito d’alma – Cartas de Paulo Barreto (João do Rio) a João de Barros – 1909-1921*. Dentre os artigos e capítulos de livros que publicou destacam-se: “Um nós expandido - Portugal e Brasil ou a noção de latinidade em João do Rio” e “Variação Lexical e performance semântica de um conceito político: latinidade, ideia latina e romanidade”.

António Machuco Rosa (CITCEM - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal)

Escândalos: uma realidade especificamente mediática?

Nesta comunicação abordaremos alguns dos principais enquadramentos teóricos do conceito de escândalo. Será dada particular atenção ao ponto de vista segundo o qual existe uma especificidade própria do conceito de escândalo mediático, que assim está associado à emergência histórica dos modernos meios de comunicação, nomeadamente à imprensa escrita do século XIX. Os escândalos seriam, portanto, acontecimentos característicos da modernidade e dos diversos tipos de mass media que se desenvolveram nesse período. Contudo, em alternativa, mostraremos que o conceito de escândalo também poderá ser elucidado através de uma perspectiva mais ampla; uma perspectiva antropológica que mostra que as diversas fases do desenvolvimento de um escândalo são perfeitamente identificáveis em estruturas sociais nas quais não existem os modernos meios de comunicação de massas.

António Machuco Rosa Doutorou-se na École des hautes études en sciences sociales e é Professor Associado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Entre outras obras, publicou *Imitação e Desejo: Moda, Marcas e Copyright*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto/CIC Digital, Porto, 2019, *A Comunicação e o Fim das Instituições: Das Origens da Imprensa aos Novos Media* – Nova Edição, Media XXI, Lisboa, 2016 e *Semiótica, Consumo e Publicidade*, Media XXI, Lisboa, 2014.